

**SIGNIFICAÇÃO SUBJETIVA E PERCEPTUAL:  
DADOS DOS SENTIDOS NO CAMPO SEMÂNTICO DA ESQUIZOFRENIA**

**Rodrigo Antunes Morais<sup>1</sup>**

**Resumo**

O artigo propõe explorar a imaginação criativa de esquizofrênicos através da hiper-realidade, colocando esse campo semântico como a comunicação criada nas interligações indexicais que podem gerar uma simbolização pictórica da realidade figurativa mediante o elo entre as significações subjetiva e perceptual, utilizando, para esse fim, as bibliografias de Jung, Baudrillard, Peirce, Chiachiri, Francastel e Gombrich.

**Palavras-chave:** Significação subjetiva 1. Significação perceptua 2l. Esquizofrenia 3. Secundidade peirceana 4. Hiper-realidade 5.

**SUBJECTIVE AND PERCEPTUAL MEANING**

**Sense data in the schizophrenia's semantic field**

**Rodrigo Antunes Morais**

**Abstract**

The article proposes to explore the schizophrenics's creative imagination through hyperreality, conceiving this semantic field as the communication created in the indexical interconnections that can generate a figurative reality's pictorial symbolization by the link between subjective and perceptual meanings, so using for it the bibliographies of Jung, Baudrillard, Peirce, Chiachiri, Francastel and Gombrich.

---

<sup>1</sup>Mestrando em Comunicação Social pela Faculdade Cásper Líbero, Linha A: Processos Midiáticos – Tecnologia e Mercado. digo.morais@gmail.com

**Keywords:** Subjective meaning 1. Perceptual meaning 2. Schizophrenia 3. Peircean Secondness 4. Hyperreality 5.

## **Introdução**

A ânsia por entender as mais diversas facetas pertinentes ao funcionamento da mente humana traz à tona inúmeras vertentes do conhecimento, que por vezes divergem, mas que em muito podem contribuir para a evolução do conhecimento quando contextualizadas de forma interdisciplinar. De fato, a complexidade da existência de cada ser deve ser encarada de forma pertinente para que uma aliança cognoscível de filosofias seja passível de um juízo concreto.

Com esse panorama cabe mostrar que as explorações concernentes à subjetividade se fazem presentes em diversos campos do conhecimento; porém, normalmente isso acontece apenas diante da materialidade dos estudos cartesianos. Dessa forma, torna-se completamente evidente a incapacidade de se estabelecer uma filosofia que compreenda o imaginável diante da coexistência entre mente e matéria, pois esse contexto apenas coloca em discussão o subjetivismo contra o objetivismo; a possibilidade de infinitas verdades e a ideia de uma verdade suprema. Em uma explanação sobre os estudos de Carl Gustav Jung, Roberts Avens diz:

A incapacidade de Kant em perceber a posição central da imaginação é apenas sintomática da impotência da filosofia ocidental em lidar "imaginativamente" com o problema perene do dualismo: sujeito versus objeto, "eu" versus "não-eu", homem e mundo, espírito e matéria. (Avens, 1993:27)

Também é de comum constatação a segregação que uma grande quantidade de autores fazem com relação aos simbolismos destinados às relações entre neurologia, psiquiatria e psicologia, ou seja, uma enorme gama de estudos tem foco na distinção de certos dados da mente sem levar em consideração as interpenetrações desses dados. Portanto, outro fator de suma importância nos estudos sobre a significação subjetiva é a errônea dissociação que se faz entre ela e a significação perceptual, a qual, por sua vez, é muito mais ampla e contempla campos que estão muito além das barreiras cognitivas, ou seja, o poder perceptual humano é

inerente à mente e à matéria (como unidade indissociável) em acordo com as possibilidades e características individuais do ser, sendo que a percepção, aliada aos contextos sensoriais e proprioceptivos, tem um alcance radiante que pode sublimar a possibilidade de captação de dados dos sentidos. Lucia Santaella, ao dissertar sobre a teoria gibsoniana, aponta que “a realidade é tanto holística quanto imbricada. Daí a percepção ser um processo contínuo, progressivo, indeterminadamente rico, não podendo ser compreendido como uma representação.” (Santaella, 2012:70).

Diante do já citado contexto junguiano, é válido compor o cenário com a assistência de Owen Barfield, o qual coloca que o elo transpessoal entre a significação subjetiva e a perceptual encontra-se exatamente no limiar da cognição humana, podendo, em muitos casos, de forma errônea, estabelecer uma igualdade.

De fato, esses dois pontos não estão em níveis igualáveis e muito menos comparáveis; são, sim, passíveis de existência em sua união, sendo que a significação subjetiva se passa dentro do repertório sógnico de um sistema cognitivo, enquanto a significação perceptual pode transcender essa barreira. Assim, uma ligação entre as duas se forma diante da imaginação criativa, o que Roberts Avens mostra na seguinte passagem:

Provavelmente as únicas exceções maiores ao subjetivismo são Coleridge, Blake e Goethe. Muito antes de Jung, Coleridge dissociou a imaginação criativa, ou primária da imaginação simplesmente reprodutiva, ou fantasia. Fantasia – uma simples serva da percepção – trabalha com símiles e alusões, formando imagens mentais agradáveis, extravagantes ou esquisitas, com pouca consideração pela sua unidade: não é "nada mais do que um modo de Memória, emancipada da ordem de tempo e espaço". A fantasia produz o tipo de imaginário que vem à mente quase espontaneamente, a partir das impressões dos sentidos que a memória armazenou e reteve. A imaginação criativa, por outro lado, é descrita por Coleridge, não somente como a fonte da arte, mas também, como poder vivo e agente principal de toda a percepção humana; dissolve, torna difusa, de maneira a recriar e unificar. A imaginação criativa é essencialmente vital, o que, para Coleridge, significava uma maneira de descobrir uma verdade mais profunda sobre o mundo. A idéia de profundidade sugere que a imaginação primária consiste em ver o particular como que, de alguma maneira, incorporando e expressando um significado mais universal, isto é, um sentido "mais profundo" que ele mesmo, ou o que Próspero, de Shakespeare, chama de "o escuro avesso e abismo do tempo". Coleridge, aqui, reconhece a importância da idéia de um universal concreto que é encontrado na maioria das estéticas metafísicas dos séculos dezoito e dezenove. (Avens, 1993:28-29)

Assim, se a consciência e a inter-relação das funções psíquicas humanas se estabelecem sobre a imaginação criativa e partem do princípio de que as funções isoladas operam em uma ininterrupta conexão mútua, pode-se dizer que o sistema cognitivo cria pensamento e linguagem a partir de signos sinestésicos e indexicais interiorizados em uma rede de perceptos. Em outras palavras, o poder imaginal advindo da junção das significações subjetiva e perceptual (que assim iniciam a contextualização da imaginação criativa) trabalha com base na existência de signos que possuem função indexical – e não indicial – para a semiótica peirceana. São “objetos e conteúdos cuja existência indica a existência de certos outros objetos e conteúdos no sentido de que a convicção do ser de um não é experienciada como motivo compreensível para a convicção do ser de outro.” (Schütz *apud* Santaella; Nöth, 1997:20-21).

Com isso, está claro que dois autores de diferentes áreas de pesquisa podem unificar seus escritos a fim de ampliar a filosofia que compete às pesquisas sobre a imaginação; são eles: Charles Sanders Peirce e Owen Barfield.

O primeiro coloca esse processo indexical no campo fenomenológico da secundidade, que, como diz Roberto Chiachiri "reporta-se a nossa consciência em constante reagir com o mundo [...] É quando, inesperadamente, [...] algo diferente do que esperávamos, surge em seu lugar" (Chiachiri, 2006:40). Já o segundo une esse processo rotativo e infinito de indicações sígnicas ao contexto da epifania do espírito tido como linguagem, ou seja, contextualiza a teoria semiótica peirceana (mesmo este não sendo seu objetivo) a partir do uso da psicologia junguiana e das vertentes contemplativas do conhecimento sobre o poder imaginativo dos seres humanos. Segundo Roberts Avens:

Barfield amplia mais ainda o alcance da imaginação, sugerindo que ela torna possível não somente um uso figurativo ou metafórico da linguagem, mas também a experiência daquilo que chamamos matéria como uma epifania do espírito. É o mesmo que ocorre na linguagem. Por exemplo, quando vemos um ser humano e ouvimos sua voz, podemos acrescentar os vários componentes de seu comportamento e então chegar à conclusão de que este conglomerado específico de sólidos e líquidos transformados é um homem (a origem do behaviorismo está justamente nisso – numa falta ou negação da imaginação). Observe-se, entretanto, que mesmo a palavra "homem", neste nível puramente mecanicista de percepção, não é senão um rótulo arbitrariamente colocado em "algo" que, se fôssemos consistentes em nossa negação da imaginação, não deveria nunca evocar em nós quaisquer sentimentos de

comiseração, repulsa ou admiração. Por outro lado, também podemos proceder, percebendo o corpo e a fisionomia de um semelhante como um retrato ou imagem materiais de "algo" espiritual. Na realidade, é possível encarar toda a natureza desta maneira: não meramente como matéria, mas, também, fisiognômica e imaginativamente, como expressão. A matéria pode ser percebida como o indispensável pano de fundo do espírito ou, nas palavras de Barfield, como "a oportunidade do espírito ou, pelo menos, a oportunidade da autoconsciência do espírito enquanto espírito". (Avens, 1993:35)

Este processo indexical pode ser análogo ao que os alemães chamaram de *wunderkammer*, que os ingleses posteriormente denominaram de duas formas diferentes: *wonder-room* e *cabinet of curiosities*; em português o termo mais próximo para o entendimento seria "câmara de maravilhas". Trata-se da forma com que os barrocos inseriram na história a ideia que atualmente tem-se de museu: um espaço físico que abriga sequências sobrepostas de objetos que servem de indícios a uma contextualização específica. Como diz Erick Felinto, um espaço que se faz "ao acolher generosamente as mais diversas experiências e tudo aquilo que produz espanto e maravilhamento" (Felinto, 2009:6). Não obstante, também se podem classificar neste momento as ideias de colecionismo divulgadas por Walter Benjamin, mas o que se faz conveniente nos termos desta pesquisa é elucidar o contexto filosófico e psicológico dessa tendência pela sequência indexical inerente ao ser humano.

Mais uma vez, retomando os conhecimentos de Carl Gustav Jung, percebe-se esse efeito semiótico no que o autor denominou de "valência da associação". Ao tratar da influência do complexo de tonalidade afetiva na obra *Psicogênese das doenças mentais*, o autor finaliza seus estudos sobre a valência da associação retirando-a apenas dos âmbitos dos conhecidos testes de associação. É evidente que ainda remonta ao valor teórico de tais testes, mas expõe sua gratificação a Sigmund Freud dizendo que "o pensamento reprimido se reveste de semelhanças verbais (sonoras) ou das imagens visuais" (Jung, 2011:66).

Jung ainda aprofunda a teoria associativa de índices<sup>2</sup> ao estabelecer o que muitos poderiam entender como crítica a Stadelmann:

---

<sup>2</sup> Deve-se levar em consideração que Jung não traça comparativos e não menciona a teoria geral dos signos de Charles Sanders Peirce (até mesmo por motivos cronológicos), portanto cabe entender que Jung determina por símbolo todo e qualquer signo, que na teoria peirceana poderia se encontrar em qualquer categoria formal e universal.

Stadelmann (*Geistkrankheit und Schicksal*, p.41s.) diz, em seu modo infelizmente tão afetado, que o psicótico equipa "os sentimentos, parcial ou totalmente perturbados, do eu com um símbolo; mas ele não compara este sentimento com outros processos ou objetos como uma pessoa normal costuma fazer; ele se deixa levar, inversamente, a ponto de a imagem da comparação se tornar realidade, sua realidade subjetiva que para os outros é julgada como loucura". (Jung, 2011:76)

Em suma, estabelecido esse panorama, que dialoga com a significação subjetiva, a significação perceptual, a secundidade peirceana e a valência de associação junguiana, cabe inserir o objeto e objetivo crucial da presente pesquisa: a crítica que pode ser feita às ideias que se tem sobre a retenção de dados dos sentidos no campo semântico da esquizofrenia.

Sobre a esquizofrenia, muitas são as vertentes a darem pareceres que até mesmo entrarão em conflito. Portanto, já que Carl Gustav Jung se faz tão presente, é pertinente descrever sua visão:

Num esquizofrênico, o quadro da cisão de personalidade é bem diferente. As figuras cindidas possuem nomes e características banais, grotescas, caricaturas, e, em muitos aspectos, contestáveis. Além disso, não colaboram com a consciência do paciente. Não têm muito tato nem respeito pelos sentimentos. Ao contrário, intrometem-se e perturbam o tempo inteiro, atormentando o eu de inúmeras maneiras; todas são desagradáveis e chocantes, tanto em seu comportamento insolente e espalhafatoso quanto pela crueldade e obscenidade grotescas. Trata-se visivelmente de um caos de visões, vozes e tipos desconexos, todos de natureza violenta, estranha e incompreensível. Se ainda for possível falar de um drama, esse está fora do alcance de qualquer possibilidade de compreensão do paciente. Na maior parte dos casos, supera inclusive as possibilidades de compreensão do próprio médico, levando-o a duvidar das condições psíquicas de todo aquele que vê, nas ideias delirantes, mais do que simples loucura. (Jung, 2011:263-264)

Com isso, torna-se evidente o entendimento de que muito do conhecimento sobre a esquizofrenia se coloca diante de um ideal constante de "normalidade do real e da realidade" que propõe que os portadores de esquizofrenia apenas fazem a recepção de dados sensoriais (dados dos sentidos) e ainda propõe, de forma errônea, que a tradução cognitiva desses dados perceptuais<sup>3</sup> não são passíveis de gerar uma linguagem e uma narrativa consistentes com um campo semântico específico.

---

<sup>3</sup> Dados pertinentes a uma rede de perceptos concernente às possibilidades sensoriais de cada pessoas de forma distinta.



Sem ter esse intuito, o próprio Carl Gustav Jung evidencia um dos maiores exemplos da história sobre alucinações esquizofrênicas geradoras de imaginação criativa, a partir de uma sinestesia<sup>4</sup> que traduz, por meio de signos, uma linguagem e uma narrativa internalizadas no campo semântico de um ser específico: Nicolau de Flüe, que mais tarde se autodenominou Bruder Klaus. O autor diz:

O melhor exemplo que ilustra o que penso é o místico e eremita suíço Nicolau de Flüe, canonizado recentemente. Talvez sua experiência mais importante tenha sido a chamada visão da Trindade, que obcecou seu espírito a ponto de tê-la mandado pintar na parede de sua cela. A visão foi representada numa pintura da época e está preservada na Igreja Paroquial de Sächseln: é uma mandala dividida em seis partes, cujo centro é o semblante coroado de Deus. Sabe-se que o Bruder Klaus investigou a natureza de sua visão com a ajuda de um livrinho ilustrado de um místico alemão, numa tentativa de compreender sua experiência primordial. Durante anos ocupou-se com esse trabalho. É o que designo por "elaboração" do símbolo. Sua reflexão sobre a natureza, influenciada pelos diagramas místicos que usou como fio condutor, levou-o necessariamente à conclusão de que deveria ter visto a própria Santíssima Trindade e, portanto, o *Summum bonum*, o amor eterno. A representação expurgada de Sächseln corresponde a esta visão. A experiência original, no entanto, fora bem diversa. (...) Esta interpretação coincide perfeitamente com a amplificação moderna do Apocalipse 1.13. Além disso não devemos esquecer as demais visões de Bruder Klaus; por exemplo, a de Cristo vestindo pele de urso, do Deus homem e mulher, e dele próprio (Bruder Klaus) como Filho, etc. (Jung, 2002:20-21)

Portanto, as expressões visuais representadas figurativamente nas mandalas de Bruder Klaus provam as funções de índices pertinentes à secundidade peirceana, que elaboram uma tradução da realidade figurativa vivida por esse portador de esquizofrenia. Remetendo novamente ao conceito de *wunderkammer*, pode-se encontrar em Roberts Avens uma justificativa para a criação e a produção artística feita por esquizofrênicos: ambas se originam do desenvolvimento pictórico dos índices pertencentes à realidade dessas pessoas:

Em outro nível, a imaginação é indispensável, se quisermos nos aproximar dos objetos da percepção como 'simbolizando' algo diferente do que aparentam. Podemos usar a imaginação para tornar nossa experiência inusitada e misteriosa, para desarrumar a ordem criada no primeiro nível. O primeiro nível também coincide com o uso lógico comum da linguagem, que pressupõe que os significados das palavras que ele usa são constantes; mas, como observa Barfield, o uso lógico ou discursivo da linguagem

---

<sup>4</sup> O termo sinestesia, aqui presente, deve ser tido como a aliança da junção sensorial concernente ao corpo humano que evidencia os conceitos proprioceptivos apresentados por Oliver Sacks.

nunca pode acrescentar algum sentido a ela, porque a conclusão de um silogismo está, implicitamente, contida nas premissas. A vida, entretanto, não é tão lógica e imutavelmente definida como o silogismo. (...) Um uso da linguagem ampliado ou imaginativo implica em que "precisamos falar o que é, aparentemente, absurdo, mas de tal maneira que o receptor possa ter o novo sentido sugerido a ele". Este é o modo da metáfora. A metáfora, diz Barfield, envolve a tensão entre dois significados ostensivamente compatíveis, refletindo uma tensão mais profunda de nós mesmos. (Avens, 1993:34)

Estabelecidos os âmbitos da metáfora, faz-se também necessária a colocação de que esta interage diretamente com a aqui discutida sinestesia, com base na imaginação criativa (focando as alucinações de portadores de esquizofrenia). Em suma, esta concepção sensorial, dada por uma figura de estilo designadora da união dos planos dos sentidos, indica que, a exemplo de Bruder Klaus ou outros esquizofrênicos amplamente conhecidos, como Arthur Bispo do Rosário, John Forbes Nash, Vaslav Nijinsky, entre outros, a tradução em suporte físico de uma realidade internalizada se dá a partir de signos pertinentes à secundidade peirceana. Em outras palavras, se as alucinações de percepção da pessoa fazem a narrativa de seu real e sua realidade, pode-se concluir que os signos traduzidos sinestesicamente por essa pessoa caracterizam-se como elementos indiciais da contextualização de seus ideais, já que esta passa a narrar, a partir de uma linguagem interiorizada, um fator externo.

Com esse traçado de signos, inerentes ao conteúdo de uma rede perceptual do portador de esquizofrenia, é possível dizer que este ambiente se faz a partir do real como ponto de vista narrativo das alucinações, remetendo de forma direta as ideias de hiper-realidade de Jean Baudrillard.

De fato, muitos estudos são realizados como crítica à sociedade contemporânea a partir da conceituação de Jean Baudrillard, do contexto líquido de Zygmunt Bauman ou da hipermodernidade de Gilles Lipovetsky. Porém, o grande fato esquecido mora no entendimento de que a filosofia tem por intuito a fundamentação de dados referentes à existência, e não a uma mera avaliação da dicotomia do bem e do mal. Portanto, a hiper-realidade deve caber ao nosso universo como a possibilidade de qualquer pessoa, seja ela portadora de esquizofrenia ou não, encarar o mundo colocando em prática seu poder imaginal, pois, segundo Juremir Machado da Silva:



A realidade é um imaginário. Sólida como um cubo de gelo. Dela, só existem imagens e aproximações sucessivas. Flagrantes de um eterno movimento em espiral. Evaporações constantes em nome da estabilidade. O real é um estado intermediário entre dois picos de entropia. A grande magia do real consiste em simular o que não é: uma verdade absolutamente externa ao observador. (Silva, 2006:163)

Em complemento, Philippe Joron, ao focar o ser humano, diz:

O homem se inscreve naturalmente no Real. Esta dinâmica de inserção refere-se a uma adaptação necessária ao mundo no qual ele evolui e passa inevitavelmente pela elaboração de um sistema simbólico graças ao qual os instrumentos, o trabalho, os interditos, as instituições, o imaginário lhe conferem novas formas de aprender o mundo, sem que passe exclusivamente por suas funções naturais. Esse sistema simbólico, esse universo imaginário, possibilita ao indivíduo habitar o Real, encontrar um lugar que responde ao seu desejo de significação modificá-lo à sua maneira, compreendê-lo segundo modalidades culturais e então socialmente reconhecíveis, dar um senso a sua presença e a sua situação no mundo. (Joron, 2006:292-293)

Portanto, é intrínseca ao ser humano a possibilidade de criar sua realidade a partir de seu imaginário – na contextualização da imaginação criativa – traduzindo sua indicialidade tida na concepção sensorial sinestésica de acordo com suas habilidades. Tal tradução é feita nas mais amplas viabilidades que o real pode fornecer como suporte. Mesmo sabendo que nem a filosofia tenha, de fato, conseguido uma definição para a arte, Ernst Gombrich, ao citar Filostrato, diz, sobre o pictorialismo:

As ilusões da arte pressupõem identificação; para repetir a frase de Filostrato, “ninguém será capaz de entender um cavalo ou um touro pintado se nunca viu tais criaturas antes”. O engano que tem levado tanta teorização sobre arte para o atoleiro é pensar que devem existir meios de representar “aparências” ou até “espaço” como tais. (Gombrich, 2007:216)

Este pictorialismo pode ser considerado como concernente aos signos indexicais aqui discutidos, sendo que, de forma figurativa, e já promovidos aos valores da arte, constituem:

... um fenômeno duplo: técnico e intelectual. A obra de arte é, efetivamente, sempre o produto da imaginação [...] Sociologicamente falando, pode-se pois considerar essencial, ora o estudo do meio produtor da obra de arte, ora o estudo dos destinatários da mensagem. (Francastel, 2011:21)

Portanto, tendo em vista que para Jean Baudrillard:

Se ele imita tão bem um louco é porque o é. E não deixa de ter razão: neste sentido todos os loucos simulam e esta indistinção é a pior das subversões. É contra ela que a razão clássica se armou com todas as suas categorias. Mas é ela hoje em dia que de novo as ultrapassa e submerge o princípio de verdade. [...] Assim é a simulação, naquilo em que se opõe à representação. Esta parte do princípio de equivalência do signo e do real (mesmo se esta equivalência é utópica, em um axioma fundamental). A simulação parte, ao contrário da utopia, do princípio de equivalência, parte da negação radical do signo como valor, parte do signo como reversão e aniquilamento de toda a referência. Enquanto que a representação tenta absorver a simulação interpretando-a como falsa representação, a simulação envolve todo o próprio edifício da representação como simulacro. (Baudrillard, 1991:11-13)

Por fim, esquizofrênicos ou não, loucos ou não, todo ser se propõe humano ao expressar-se e comunicar-se diante das infinitas possibilidades de arquétipos que um só ser pode vestir em seu trajeto hiper-real.

## Referências

AVENS, Roberts. **Imaginação é realidade**. São Paulo: Editora Vozes, 1993.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CHIACHIRI, Roberto. **Estratégias de sugestão da publicidade** - uma análise semiótica. Pereira Barreto: Academia Editorial, 2006.

FELINTO, Erick. **Vampyroteuthis**: a segunda natureza do cinema. A "matéria do filme e o corpo do espectador. In *Flusser Studies* 10. São Paulo. 2009. Disponível em: <<http://www.flusserstudies.net/pag/10/felinto-vampyroteuthis.pdf>>.

FRANCASTEL, Pierre. **A realidade figurativa**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

GOMBRICH, Ernst. **Arte e ilusão**: um estudo da psicologia da representação pictórica. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

JORON, Philippe. **Alteridade simbólica e construção imaginal da realidade**. In *Imagem (ir)realidade: comunicação e cibermídia*. Porto Alegre: Sulina, 2006, p. 290-305.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. **Psicogênese das doenças mentais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

LIPOVETSKY, Gilles. **A sociedade da decepção**. São Paulo: Editora Manole, 2007.

SACKS, Oliver. **O olhar da mente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SANTAELLA, Lucia. **Percepção: Fenomenologia, Ecologia, Semiótica**. São Paulo: Cengage, 2012.

\_\_\_\_\_; NÖTH, Winfred. **Imagem, Cognição, Semiótica, Mídia**. São Paulo: Iluminuras, 1998.

SILVA, Juremir Machado da. **Imagens da irrealidade espetacular**. In *Imagem (ir)realidade: comunicação e cibermídia*. Porto Alegre: Sulina, 2006, p. 163-172.